

DUNN, James D. G. *Jesus, Paulo e os evangelhos*. Trad. Nélcio Schneider. Petrópolis: Vozes, 2017. 255p. 23x16 cm. ISBN 978-85-326-5399-4.

James Douglas Grant Dunn (A.), nascido em 1939, formou-se pela Universidade de Gaslow em Economia e Estatística e, posteriormente, em Divindade pela mesma. É um pesquisador do Novo Testamento, área em que se doutorou em Cambridge. O seu primeiro livro, *Baptism in the Holy Spirit* (SCM, 1970), foi uma versão revisada de sua tese. Atuou como professor em Nottingham (1970-1982) e na Universidade de Durham (1982-2003), na qual ocupou a Cátedra Lightfoot e recebeu o título de professor emérito. É um dos teólogos da Nova Perspectiva de Paulo e, na época de publicação da obra resenhada, estava se dedicando ao seu projeto *Christianity in the Making*, sobre os primórdios do cristianismo, que resultou em uma coleção de três volumes. Há uma introdução pessoal do A. na presente obra (p. 13-19).

A presente obra é composta por comunicações realizadas pelo A. em uma série de conferências a partir da celebração do Ano Bimilenar de Paulo (2008-2009), memoração que foi alicerçada na decisão do então Papa Bento XVI. Após as preleções, Dunn realizou pequenas modificações nos textos para adapta-los ao público geral, sendo que cinco dessas foram realizadas para o público cristão, enquanto que as demais se deram para um público em ambiente mais judaico.

O livro está dividido em três partes: *O que são os evangelhos?*; *De Jesus a Paulo*; e *O Paulo bimilenar*. A primeira parte do livro (cap. 1-4) é baseada em preleções a respeito dos evangelhos que ocorreram na Universidade Ben Gurion, em Beer Sheva, para o Programa Deichmann de Literatura Judaica Antiga e Cristã da Era Greco-romana. A segunda parte (cap. 5) resulta de uma preleção sobre Jesus e Paulo, realizada em um Simpósio Internacional da Faculdade de Teologia da Catalunha, em Barcelona. A terceira parte (cap. 6-9) foi baseada em conferências dirigidas ao Seminário Internacional sobre São Paulo, da Società San Paolo, em Ariccia. Essas palestras buscaram responder quem foi e o que defendeu

Paulo, qual foi o evangelho que o impactou, quais foram as igrejas que ele fundou e como cuidou delas através de suas cartas.

No primeiro capítulo, intitulado *Fato ou ficção? – Os evangelhos são confiáveis?*, o A. afirma que os escritos não cristãos que se referem a Jesus contêm escassas informações sobre ele e, assim, não dão uma boa base para a compreensão de sua imagem. Dessa forma, para obter essa compreensão dependemos dos escritos cristãos e principalmente dos evangelhos. No entanto, por serem cristãos, não constituem escritos imparciais ou objetivos – assim como, provavelmente, todas as fontes históricas. É dessa contingência que o A. parte, destacando e defendendo que existiu um judeu da Galileia chamado Jesus, que atuou por volta da década de 20 e que causou um impacto duradouro. O teólogo também destaca a oralidade da sociedade de Jesus e defende que se deve levar em conta, principalmente, os traços característicos de Jesus e não apenas os distintivos, defendendo, por exemplo, a *judaicidade* de Jesus.

No segundo capítulo, *Entre Jesus e os evangelhos*, o A. retoma a questão do iletramento da sociedade – e do judaísmo – do Segundo Templo, destacando o seu caráter oral. Enfatizando que os letrados eram um grupo seletivo, descreve a dependência do povo a eles para questões formais e/ou para conhecer e ouvir a Torá. Da mesma maneira, pressupõe que a maior parte dos discípulos de Jesus eram iletrados funcionais e que provavelmente Jesus também o era. Assim, o ensinamento de Jesus foi realizado oralmente e no início, as notícias sobre ele foram repassadas da mesma maneira. Posto isto, o A. entra na discussão das fontes e de como os evangelhos sinóticos teriam sido formados, sublinhando as similaridades e as divergências destes. O exegeta chama atenção para as inter-relações e para as diversidades entre os evangelhos, defendendo que a tradição sobre Jesus foi ativa e viva, e que não houve hiato entre o período de Jesus e dos evangelhos. Pois, é nesse espaço que se encontram as diversidades dos escritos, uma vez que “a *tradição* do dito não é o próprio *dito*. Assim, tradição é a testemunha do evento e a pluralidade destas indicam a riqueza e diversidade das recordações sobre Jesus.

O terceiro capítulo, *O nascimento de um novo gênero – Marcos e os evangelhos sinóticos*, ressalta a importância da transcrição da tradição oral para o evangelho escrito. Destacando que foi Paulo que deu a conotação ao substantivo evangelho que temos atualmente e que a palavra era mais ampla do que a referência as boas notícias de César. Pelo contrário, Dunn acredita que Paulo tenha sido influenciado especialmente por Isaías nessa construção semântica, utilizando o termo para se referir aos atos salvadores de Deus. Enfatiza que o surgimento do Evangelho na literatura antiga, isto é, do Evangelho cristão, foi o nascimento de um novo gênero literário, uma forma biográfica bem peculiar. Posteriormente, entra no conteúdo dos Evangelhos, sobretudo nos seus estilos e como foram criados. Cita o consenso de que Marcos teria sido o primeiro dos evangelhos canônicos a ser redigido e que por isso influenciou o Evangelho de Lucas e o de Mateus, estes que são, em grande parte, dependentes do primeiro. Sobre esse

“novo” gênero literário, indica que a característica central deles é que são narrativas acerca da paixão de Jesus com introduções ampliadas. Todavia, ressalta que “o evangelho da paixão de Jesus era a parte central, mas não a única parte do Evangelho da missão do galileu que proclamou e viveu até o fim sua mensagem do Reino de Deus” (p. 85).

O quarto capítulo, denominado *Uma versão bem diferente! – João como fonte para o Jesus histórico*, destaca que o quarto Evangelho canônico – consensualmente, o mais recente – é deveras diferente dos demais. Todavia, segundo o A., pode ser traçado três características neste Evangelho em relação aos outros: 1. “o Evangelho de João acompanha Mateus e Lucas no uso do formato do Evangelho fornecido por Marcos”; 2. “apesar de os discursos de Jesus em João serem muito diferentes do modo como Jesus ensina no sinóticos, podemos ver que estão enraizados em uma tradição parecida com a dos sinóticos”; 3. e que “fica claro que João preencheu algumas lacunas deixadas pelos outros evangelhos” (p. 103). O teólogo explica que o quarto Evangelho deve ser compreendido em um contexto em que muitos crentes em Jesus estavam tendo dificuldades em serem aceitos nas sinagogas pós-70 e que parece haver esperanças do evangelista em persuadir mais judeus à fé de que Jesus era o Messias de esperado de Israel. O capítulo ressalta a importância para os cristãos de terem na consciência que os evangelhos não são de Mateus, Marcos, Lucas ou João, mas sim segundo esses.

No quinto capítulo, *Da proclamação de Jesus ao evangelho de Paulo*, o A. se debruça em investigar se existe um hiato entre a vida de Jesus dos evangelhos e o Cristo da teologia de Paulo. Esclarece que antes da ascendência da questão do Jesus histórico, não havia esse problema. Pois não havia um hiato, uma vez que “a linha de continuidade de Jesus até Paulo era tida como direta e ininterrupta. O Cristo da teologia de Paulo era facilmente identificado com o Jesus dos Evangelhos” (p. 129). Com a questão do Jesus histórico surgem perguntas, “pois a mensagem de Jesus parecia ser tão diferente do evangelho de Paulo” (p. 129). Em seguida, Dunn descreve algumas dessas questões que sugerem uma descontinuidade, um abismo entre eles. Em contrapartida, o A. indaga sobre as continuidades entre ambos, sobre a influência da missão e da mensagem de Cristo no evangelho paulino e sobre qual foi a inspiração que Paulo recebeu de Jesus. Assim, passa a discorrer sobre três pontos importantes de suas mensagens que teriam uma similaridade, em decorrência do impacto de Jesus sobre Paulo: 1. A abertura da graça de Deus; 2. A tensão escatológica e o Espírito; e 3. O mandamento do amor. O capítulo termina com a afirmação de que “Paulo, que talvez nunca tenha ouvido ou visto Jesus pessoalmente, não obstante pode ser caracterizado como *um dos mais fiéis discípulos de Jesus* – não só do Senhor Jesus Cristo exaltado, mas também de Jesus de Nazaré” (p. 152).

Os próximos capítulos tratam sobre a identidade e o pensamento de Paulo. No sexto capítulo, intitulado *Quem Paulo pensou que ele era?*, o A. destaca a grande importância e a influência de Paulo no desenvolvimento

do cristianismo. Por estar no meio do desenvolvimento da seita dos nazarenos para algo novo, grande parte dos judeus o veem como um traidor e um apóstata. Assim, indaga sobre o que Paulo pensava de si, do seu papel e de como ele se apresentaria à um estranho. Defende que a identidade de Paulo estava “*em processo de mudança*”, que “*a judaicidade do cristianismo é parte integrante do cristianismo*” e principalmente que, “para Paulo, a tese primordial da identidade cristã, do pertencer a Cristo, não foi a tradição, não foi a Igreja, nem mesmo a Escritura, mas foi tão somente o estar ‘em Cristo’” (p. 165-169).

No sétimo capítulo, Dunn buscar responder se Paulo foi um *Apóstolo ou apóstata*? Ressalta as características e o significado do apostolado de Paulo, indagando o motivo que o teria instigado a reivindicar o título de apóstolo. Em linhas gerais, esclarece que Paulo se vê como apóstolo de Cristo, servo do evangelho, apóstolo dos pagãos, apóstolo de Israel – “sua incumbência como ‘apóstolo dos pagãos’ não só estava de acordo com a vontade de Deus, mas também era uma *extensão da incumbência que o próprio Israel recebera de Deus*” (p. 178). Respondendo à pergunta principal, o A. afirma que “ao modo como Paulo entendeu sua missão, ele não foi apóstata de Israel. Pelo contrário, ele estava engajado no esforço de cumprir a missão apostólica do próprio Israel – de ser luz para as nações, de proclamar a boa-nova do amor da aliança de Deus e [...] da justiça salvadora de Deus tanto a pagãos como a judeus” (p. 184).

O oitavo capítulo, *O Evangelho – Para todos os que creem*, busca compreender o que provocou a mudança de Paulo, isto é, sua conversão. Buscando responder duas perguntas que estão diretamente ligadas, de quê e para quê Paulo se converteu. Primeiramente, o A. traça sobre a convicção anterior de Paulo como fariseu e zelote e, posteriormente, sobre a sua conversão ao chegar à “conclusão de que Jesus de fato era o Messias de Deus” (p. 193). Dunn também aborda a dimensão missiológica da conversão de Paulo. “*O convertido Paulo que assumiu as mesmas tendências às quais ele havia se oposto de modo tão violento e as transformou em missão ativa*” (p. 194). O A. ainda aborda a abertura da graça de Deus aos pagãos e a sua confirmação através do Espírito. Sobre uma dupla dimensão da justificação e sobre implicações do pensamento paulino no diálogo judaico-cristão e as dimensões sociais e ecumênicas de seu Evangelho.

O nono e último capítulo do livro, *A Igreja – A eclesiologia trinitária de Paulo*, trata brevemente acerca do caráter trinitário da visão eclesiológica de Paulo. A igreja como a Igreja de Deus, como o corpo de Cristo e como a comunhão do Espírito. Sobre esse último aspecto, o A. identifica na concepção paulina de Igreja a noção da comunhão do Espírito como a “*experiência compartilhada do Espírito*”, ou seja, a Igreja “*como comunidade carismática*” (p. 206). Nesse mesmo capítulo, há uma breve abordagem sobre o retrato histórico do que teria sido as comunidades paulinas no primeiro século.

A versão publicada pela editora Vozes contém uma proveitosa tradução, principalmente pela escassez de obras do A. em língua portuguesa. No entanto, apontarei breves observações diante da primeira versão do livro.¹ Na página 65, o tradutor omite a expressão "in writing", parece-me que pelo fato do texto estar falando em tradição oral e, posteriormente, na sua transcrição, o tradutor omite a expressão. Todavia, acredito ser importante não excluir expressões do texto original ao bel prazer na tradução, mesmo que seja redundante a especificação, a "transcrição por escrito" foi colocada ali pelo A. Na página seguinte, a expressão "which gave birth" está razoavelmente traduzida como "que fez surgir". Na página 129, no início do quinto capítulo, "for nearly eighteen centuries" foi traduzido indevidamente como "por quase dezenove séculos". Porém, no geral, o tradutor e a sua tradução não desapontam.

O livro também não desaponta o leitor e, se tratando de transcrições de uma série de conferências, os temas foram bem contextualizados e divididos na versão textual. Acredito que poderia ter sido mais elaborado a dimensão e a preocupação pastoral no desenvolvimento do pensamento paulino, mas essa dimensão está implícita no texto. Destaco aqui como um importante ponto do livro, a abordagem ao Espírito Santo em um aspecto carismático e comunitário. E, mesmo acreditando que tal temática poderia e deveria ter sido mais bem elaborada, acredito que o autor dá uma boa contribuição para a temática nessa obra. Por fim, afirmo a importância da leitura da obra no contexto acadêmico e no comunitário, pois creio que a obra pode contribuir para a promoção de uma consciência mais comunitária e ecumênica.

Henrique Mata de Vasconcelos *

¹ DUNN, James D. G. *Jesus, Paul and the Gospels*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing, 2011. ISBN 978-0-8028-6645-5.

* Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix (2018). Mestrando em Teologia Sistemática, como bolsista CAPES, na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.